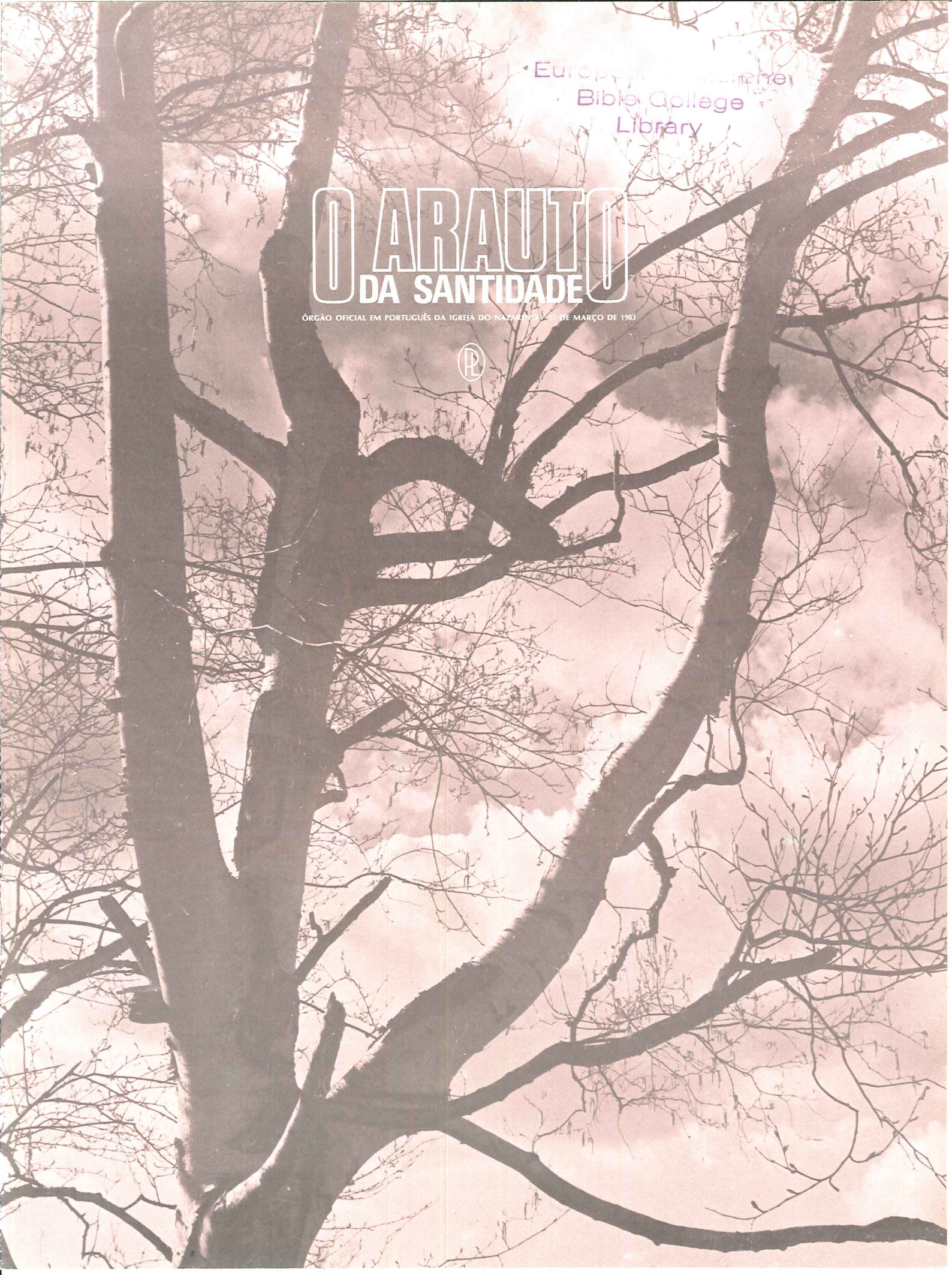
European Nazarene
Bible College
Library

O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO — 15 DE MARÇO DE 1983



"o último erro"

—Jorge de Barros

Ladrões de túmulos existiram sempre. A tentação surgiu com o costume de sepultar pessoas abastadas com seus bens e pertences. Recentemente, descobriu-se um túmulo chinês de onde se estão a remover fortunas colossais em pedras e metais preciosos, sem contar com um verdadeiro exército de soldados primorosamente esculpidos.

A cobiça que tais bens inevitavelmente despertam, originou a prática de tornar inacessíveis as câmaras mortuárias. Entradas falsas, labirintos complexos, armadilhas mortíferas, toneladas de pedras, pirâmides gigantescas, guardas permanentes, são alguns dos recursos usados para a defesa de túmulos.

Houve um Homem que foi enterrado apenas com um lençol que O envolvia e um pano que Lhe cobria o rosto, tudo produto de caridade pública. Entretanto, Seu túmulo foi selado e teve a vigiá-lo a famosa guarda romana, armada até aos dentes.

Se um viandante desprevenido tivesse passado pelo local e visto o selo do túmulo e soldados armados a guardá-lo dia e noite, seria tentado a especular. Que tesouros preciosos se achavam sepultados com a pessoa que ali jazia? Talvez muito ouro, vasos e artefactos de imenso valor.

Mas o túmulo a que nos referimos é o de Jesus Cristo. E a guarda não está presente para defender bens terrenos. Os soldados foram ali postos a pedido de um grupo que assim se dirigiu ao governador romano: "Manda pois que o sepulcro seja guardado com segurança até ao terceiro dia; não se dê o caso que os seus discípulos vão de noite, e o furtem, e digam ao povo: Ressuscitou dos mortos; e assim *o último erro* será pior do que o primeiro" (Mateus 27:64).

Vejamos isto a que chamamos *o último erro.*

Os inimigos de Jesus temiam, acima de tudo, a ideia de Sua ressurreição. Mais devastadora para as obras das trevas que milagres, ensinos, orações e discursos de Jesus, a ressurreição proclamaria a Sua vitória completa e final. Por isso, foi alcunhada de *o último erro... pior do que o primeiro.*

Um Cristo apenas curador, professor ou conferencista é inconsequente para o problema total da humanidade.

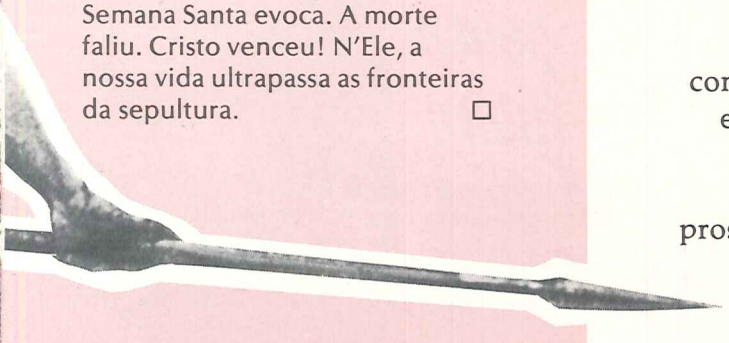
Durante anos de ministério terreno, Jesus fora isso: curara multidões, ensinara o povo, pronunciara discursos e estimulara a especulação intelectual e teológica. Seus inimigos gritaram que Ele disseminava o erro. Este é *o primeiro erro,* grave mas não fatal.

Agora, aterrorizava-os o *último erro:* a proclamação universal de que Ele ressuscitara. A acontecer, isso seria a admissão tácita de que Jesus é Deus e Seu poder esmaga a própria morte; também, equivaleria à proclamação de que a oferta de vida eterna aos que n'Ele cressem tinha a garanti-la a vitória sobre o último inimigo da humanidade —a morte.

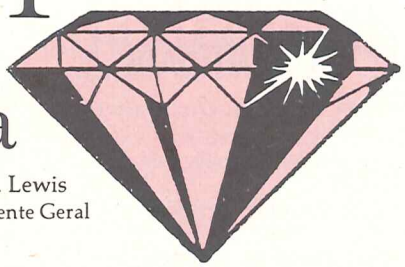
Aquele túmulo selado e guardado era importante. Nele se achava o último bastião da fé. O apóstolo Paulo expressou-o bem quando disse: "Se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé" (I Coríntios 15:14).

O que os inimigos de Cristo chamaram de *último erro* veio a ser *a primeira e maior verdade.* O apóstolo Pedro expressou-a deste modo: "(A este Cristo) Deus ressuscitou, soltas as ânsias da morte, pois não era possível que fosse retido por ela" (Actos 2:24).

É esta a verdade que a Semana Santa evoca. A morte faliu. Cristo venceu! N'Ele, a nossa vida ultrapassa as fronteiras da sepultura. □



compaixão —palavra preciosa



—V. H. Lewis
Superintendente Geral

O feito do bom samaritano, segundo vem narrado no capítulo dez de Lucas, está sempre conosco. Desafia-nos, admoesta-nos e aponta-nos o melhor caminho.

É um evento carinhoso, apresentado como acto compassivo que procuraremos realizar diariamente. As injustiças do mundo mostram-nos constantemente que devemos ter compaixão por alguém.

É uma bênção maravilhosa—positiva em todos os sentidos. Tanto para o dador como para o que a recebe, derrama glória e recompensa. Quando se expressa o acto de compaixão, alarga-se a área da sua influência, a carga torna-se mais leve, o caminho mais suave; os ombros endireitam-se e, pelo menos, duas pessoas são revigoradas.

O homem que foi vítima de ladrões e o samaritano compassivo receberam benefício dos unguentos e provisões dispensados.

As Escrituras não nos contam mais do bom samaritano mas, por certo, que ao praticar esse acto compassivo também ele teria sido enriquecido na mente e no espírito. Não pediu recompensa nem necessitava dela, pois foi compensado pelo grande Deus que o elogiou. Os outros que passaram adiante, prosseguiram seu caminho de egoísmo. Eles não deram e perderam muito na senda triste e escura dum futuro mesquinho.

Como eles, alguns vivem na indiferença egoísta. Contudo, outros—os afortunados que mostram compaixão—caminham em esplendor.

O diamante é pedra preciosa de tanto valor que, por qualquer lado que se veja, é sempre diamante—irradia brilho e pureza. Assim é a compaixão; a sua essência é bela em todos os ângulos e direcções.

Que bênção para o cristão! Que oportunidade para o enriquecimento pessoal! Que fragrância de vida!

O mundo precisa de compaixão. Nós temo-la! Demo-la e descobriremos a recompensa que enriquece ainda mais.

Justiça, compaixão, santidade, pureza e amor. Que belo ramalhete de palavras—ao nosso dispor! Mostremos hoje compaixão a alguém! □

O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume XII
Número 6
15 de Março de 1983

BENNETT DUDNEY
Director Geral
JORGE DE BARROS,
Director
ACÁCIO PEREIRA,
Redactor
ROLAND MILLER,
Artista
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES,
Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE
é membro da EPA
(Associação da Imprensa Evangélica)

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-310) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente por Publicações Internacionais da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.$2.00; número avulso, U.S.$.10. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-310) is published semi-monthly by Publications Services — Portuguese — of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, U.S.A. Subscription price: U.S.$2.00 per year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.

FOTOS:
CAPA—The Costas
P. 2, 3—Keystone View Co.
P. 4, 5—A. Devaney
P. 13—TWA
P. 14—Alitalia

pensa no futuro de seus filhos?

Em muitos casos, a boa ou má orientação da infância determina o triunfo ou fracasso dos filhos. O futuro de cada pessoa está intimamente relacionado à sua boa ou má educação. O poeta J. Velarde exprimiu assim esta verdade: "A árvore que cresce torcida, nunca endireita o tronco; pois torna-se natureza o vício com que cresceu".

A vida humana é uma viagem cujo bom termo depende em parte, do começo. Quase sempre, quem mal começa, pior acaba.

A vida tem algo parecido a uma camisa: quando se erra a casa do primeiro botão, todos os outros ficam mal abotoados.

Num de seus livros, Orison S. Marden menciona certa viúva pobre que vivia numa choupana. Ela e os filhos dependiam do pouco fruto que produzia um terreno que cultivavam. Por falta de dinheiro, aceitavam e vestiam roupas usadas que os vizinhos lhes ofereciam.

Apesar de sua escassez económica, essa viúva conseguiu encaminhar bem os três filhos. Com muito sacrifício, enviava-os à escola por turnos. Tempos depois pôde ver o fruto do seu labor e dedicação. O filho mais velho conseguiu ser professor dum instituto. O segundo, formou-se em medicina. E o mais novo foi pastor duma igreja evangélica.

Que bom exemplo para tantos pais! Ideais nobres e aspirações elevadas ajudam os filhos a triunfar na vida.

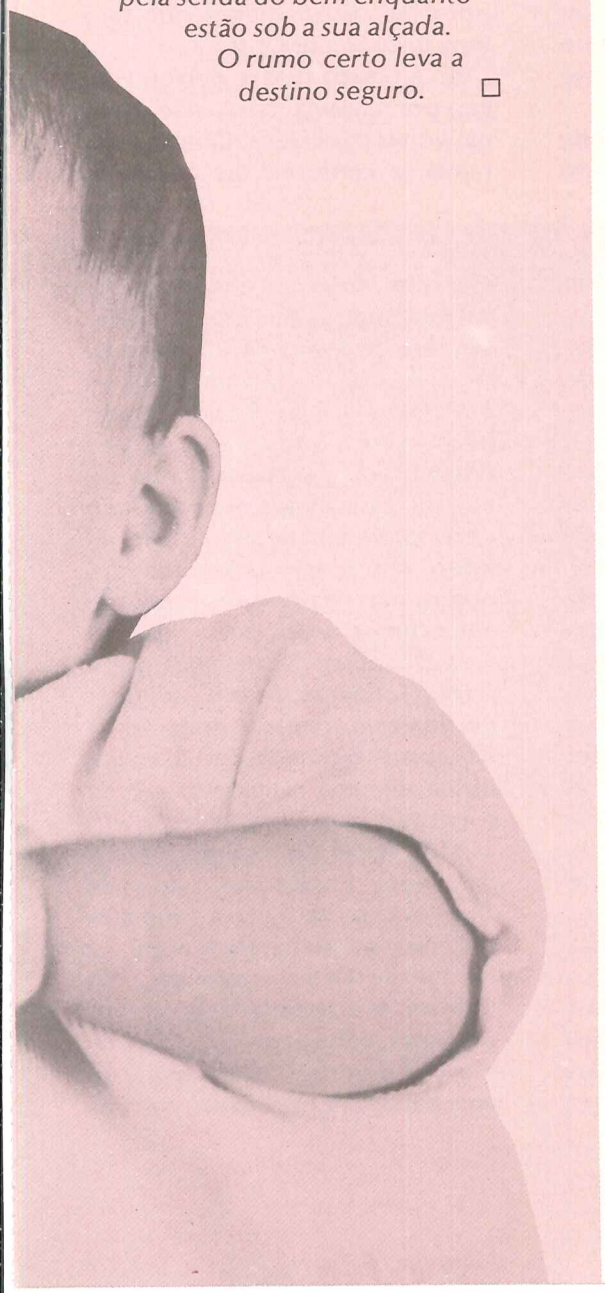
Há filhos que enveredam por maus caminhos e fracassam

por descuido dos pais em cumprir o seu dever. Orientemos nossos filhos pelo caminho do trabalho, do estudo e da sobriedade. A abundância material prejudica, muitas vezes, o futuro dos filhos. Tornam-se pródigos e inaptos para trabalhar e triunfar na vida.

Sem Deus não pode haver boa orientação. Tanto ricos como pobres temos de lutar e de nos sacrificar com os olhos no Senhor. De outra forma teremos filhos inúteis e viciados.

Cuidemos dos meninos desde tenra idade, para que mais tarde não se deixem arrastar por elementos perniciosos que propagam vícios. Compete, pois, aos pais encaminhar os filhos pela senda do bem enquanto estão sob a sua alçada.

O rumo certo leva a destino seguro. □



DERROTA DA MORTE

Aparece caminhando normalmente em câmara lenta o monstro do qual foge todo o mundo apavorado fazendo cruzes, acendendo luzes e espargindo "tabus", na tentativa desesperada de o afastar. Mas quem jamais o conseguiu?

Os cemitérios deste mundo são povoados dos restos mortais daqueles que a história exalta e venera nos grandes santuários do poder e da sabedoria. Mas ainda os seus devotos levam flores à campa, levantam preces ao mundo dos mortos, pois os heróis não venceram a morte.

Jesus declarou-se Senhor da Vida. A morte sentiu-se desafiada, os inimigos do Senhor atribularam-se, os pecados da Humanidade, O Diabo e os seus agentes manejaram a morte e a puseram a peito aberto diante do Senhor da Vida. Jesus não recuou.

Porque recuar se convinha provar o Seu poder sobre a morte?

Porque recuar se da destruição dela dependia a esperança da vida eterna?

Porque recuar se Ele se achava perante a situação para a qual veio ao mundo?

Porque recuar se por este meio havia de se libertar das leis da matéria a que ficou sujeito ao encarnar-se?

A Cruz foi o veículo que conduziu Jesus até ao quartel general da morte.

Os nossos pecados expiou
Quando seu sangue derramou.
Caminho da vida nos concedeu
Quando à morte se rendeu.

O Seu funeral tinha poucos amigos. No sepultamento tão solene, faltaram discursos e música. Só havia tristeza e a dúvida dos que transportavam o Seu corpo prestando-Lhe, talvez, a última homenagem.

Passados 3 dias, Jesus desferiu o golpe de Mestre à morte e ao poder orgulhoso dos inimigos. Alguém teria pensado em escrever o Seu epitáfio com letras magistrais como as mulheres se lembraram de levar unguento para ungir o Seu corpo. O epitáfio de Jesus foi escrito por Deus. Quantos amigos chegaram, e até mesmo inimigos, leram na placa do túmulo vazio "ELE NÃO ESTÁ AQUI". Surgiu então a pergunta que flutua nos séculos: ONDE ESTÁ? Deus escreveu com letras divinas a resposta, nas tábuas dos corações dos crentes: ESTÁ AQUI. A morte chorou e os crentes em Cristo Ressurrecto cantaram: "Eu sei que Cristo vive, sim —eu sei pois vive em mim".

Jesus encolheu os braços da morte, cortou-lhe as garras em três dias e no seu quartel general fez-lhe assinar a rendição. Não há mais morte para os que crêem em Cristo. O Senhor retornou à vida por força própria.

Se revestíu de incorruptibilidade
Elevando-se à glória do Pai.
Porque Ele é o Senhor da vida,
Porque é Deus de Eternidade

Fazendo eco a Paulo, ousadamente desafiamos a morte. *Onde está ó morte o teu aguilhão? Tragada foi a morte na vitória".*

Eis a nossa mensagem para um mundo em agonia: CRISTO VENCEU A MORTE; VIVE E DÁ VIDA A TODO AQUELE QUE CRÊ (João 3:16). □

—Jorge Maia Lopes

como ajudar reincidentes

—Lyle Pointer

Nas nossas comunidades, igrejas e famílias existem certas pessoas que já desfrutaram de relação vital com Cristo, mas que, por qualquer razão, a perderam.

Se o transgressor não se arrepender, sua alma perecerá. Oremos nós e peçamos a outras pessoas que se lembrem dos reincidentes. A resposta nem sempre é imediata, sabemos bem.

Além de tratar da oração, o apóstolo Tiago menciona o privilégio de ministrar: "Irmãos, se algum de entre vós se tem desviado da verdade, e alguém o converter, saiba que aquele que fizer converter do erro do seu caminho um pecador, salvará da morte uma alma e cubrirá uma multidão de pecados" (Tiago 5:19-20).

Para ajudar os reincidentes devemos conhecer as razões que os levaram a afastar-se. Sob o nosso ponto de vista diríamos que eles deixaram de confiar em Deus e de Lhe obedecer. Mas a maioria prefere razões práticas em vez de teológicas:

1. Descuido e perda progressiva de espiritualidade.

2. Uma crise forte que deixou prostrada a pessoa.

3. Decepção por parte do pastor, da igreja ou de outros crentes.

4. Exagero na prática da vida cristã provocando frustração e confusão.

Expliquemos, agora, cada uma destas razões.

I. Se o irmão reincidente se desviou do Senhor pouco a pouco, precisa de certo tempo para regressar. A relação com Deus baseia-se no amor. A entrega ou consagração faz-se geralmente depois dum período de interesse e participação.

1) A graça de Deus precisa de tempo para actuar no coração do transgressor.

2) Nós seremos boa ajuda se vivermos de acordo com as normas de Deus.

3) Testifiquemos da bondade e da misericórdia do Senhor. A benignidade de Deus conduz o homem ao arrependimento (Romanos 2:4).

4) Mantenhamos aberta a porta para assuntos espirituais. Falemos do tempo passado em que o rebelde era um cristão praticante.

5) Convidemo-lo à igreja, mas sem desanimar com uma resposta negativa. Talvez ele não precise desse ambiente para se decidir.

6) Deus pode falar com ele por intermédio da Bíblia. A chave da sua conversão está na renovação de anseio e sede espirituais.

7) Quando oportuno, peça-mos-lhe directamente que faça uma decisão por Cristo.

II. A pessoa que se deixou vencer por alguma crise, não tarda em voltar para Deus. Quando terminar a confusão ou frustração

a tragédia do calvário

—Russell DeLong

O Cristianismo não é especulação. É uma demonstração. A Palavra de Deus aponta para o facto mais importante da história: "O Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo..." (João 1:29).

Quando Thomas Boston jazia no leito da morte, na Escócia, o seu povo reuniu-se à volta da casa pastoral, naquele domingo à noite, para ouvir a sua última mensagem. O doente pedira que lhe dessem uma derradeira oportunidade de pregar. Deslocaram o leito para perto de uma janela e ele, levantando-se sobre o travesseiro, anunciou o texto: "Eis o Cordeiro de Deus". Encerrou a breve mensagem com: "É só isto que é necessário. Nada mais importa. Contemplai o Cordeiro de Deus e conhecei a propiciação de vossos pecados". Depois destas palavras, morreu.

O Antigo Testamento começa e o Novo termina com uma descrição do Cordeiro sacrificial. A primeira vítima da expiação foi Abel, porque oferecera sacrifício de sangue para cobrir os seus pecados diante de Deus. O Novo Testamento termina com o Cordeiro de Deus diante d'Ele, enquanto a igreja glorificada ecoa através dos corredores do céu a antífona: "Digno é o Cordeiro, que foi morto..." (Apocalipse 5:12). "Venceu para abrir o livro e desatar os seus sete selos" (v. 5).

A proclamação de João Batista nas margens do Jordão, "Eis o Cordeiro de Deus", foi a resposta aos mil anos de angústia nacional de Israel. Pretendia revelar-lhes o Homem que seria para eles um abrigo contra o vendaval e a sombra de grande rocha em terra sedenta. O Cordeiro de Deus é a figura central do Novo Testamento. João, Paulo e Pedro lutaram para que a esperança da salvação fosse exaltada. Paulo explicava esta alegre verdade por onde ia, de cidade em cidade, de igreja em igreja. Um terço dos quatro evangelhos é dedicado aos eventos da última semana da vida de nosso Salvador sobre a terra. Todas as outras religiões perdoam o pecado com facilidade; mas o mundo desfalece em busca de uma religião que trate o pecado com uma salvação eficaz. O pecado do mundo não é de pouca monta aos olhos de Deus e a morte de Seu Filho não foi coisa pequena para o Pai. O sangue do Getsemani, a cruz do Calvário e o túmulo de José sondaram as maiores profundezas do plano redentor de Deus. Poderemos não saber explicá-lo, mas po-

em que se encontra, é ela a primeira a reconhecer o mal.

III. O cristão amargurado ou decepcionado, repetirá com insistência o incidente e o nome das pessoas envolvidas. Escutemos e procuremos compreender os seus sentimentos. Mas não nos compete decidir se ele está certo ou errado; nem culpar quem quer que seja. Há ocasiões em que até convém desculpar a pessoa que ofendeu.

Depois podemos perguntar: Não acha que se deve esquecer do passado? Aceite de novo as bênçãos divinas. Sentir-se-á feliz em regressar ao amor de Deus.

Talvez você deva insistir em reatar as relações com o Senhor. A crise pode ser uma forma da pessoa procurar escapar à responsabilidade de sua própria salvação. Falar de "hipócritas na igreja" não passa muitas vezes de dissimulação. Compare essa frase com Romanos 14:12—"Cada um de nós dará conta de si mesmo a Deus".

Falemos com franqueza do perdão de Deus. Sejamos compreensivos. Mostremos verdadeiro interesse. É o amor divino que toca o coração e cura feridas.

IV. Certos cristãos, embora bem intencionados, exageram demasiado as normas de santidade. Por isso, as pessoas sensíveis desanimam facilmente por não conseguirem atingir esse nível.

Outro elemento é a pressão sobre questões secundárias. Certas convicções pessoais são apresentadas como mandamentos de Deus. E a confusão leva algumas pessoas fracas a renunciarem à igreja e a Deus. Estudemos versículos que nos ofereçam conceitos claros sobre a doutrina bíblica da santidade.

Sugestões que nos podem ajudar no conflito:

1. Deus pode dar-nos intenções perfeitas, mas não actos.

2. Algumas igrejas definem transgressões culpáveis como "pecados". As demais faltas catalogam-nas como fraquezas ou erros.

3. Deus quer que vivamos de acordo com os Seus mandamentos, não segundo convicções ou opiniões dos outros.

4. Mesmo depois da santificação, ainda precisamos de nos examinar e disciplinar.

5. Pecado e tentação são coisas distintas.

O conhecimento das razões do fracasso espiritual ajudar-nos-á a compreender a atitude do reincidente. Identificar as pedras de tropeço equivale a desenvolver uma estratégia que conduz à conversão.

O conhecimento não garante o êxito, mas dá esperança. O reincidente encontra, regra geral, poucas pessoas que o desejem ajudar. Por isso, todo o esforço nesse sentido será apreciado.

O certo é que continuaremos a cometer erros, mas esforçamo-nos por corrigi-los. Entretanto, Deus actuará. Os filhos pródigos começarão a regressar ao lar. □

demos proclamá-lo!

O Calvário torna-se, assim, o vórtice de toda a Escritura, o ponto de encontro de toda a profecia e história. É a primeira verdade, proeminente, do Cristianismo, o centro da revelação divina. É a resposta de Deus à terrível tragédia do pecado. Estava implicada, primeiro, a *penalidade pelo pecado,* com a sua sensação de fardo; segundo, o *poder do pecado,* com a consciência de servidão; e, finalmente, a *presença do pecado,* fazendo-nos sentir a existência de uma barreira entre nós e Deus. O Seu plano é que o *fardo* seja removido pelo *perdão;* a *servidão,* pela *liberdade* e a *barreira,* pela *comunhão.* Por isso, o Calvário torna-se necessário a todo o propósito da redenção. O altar fumegante através das páginas do Antigo Testamento é "um dedo" a apontar para o "Cordeiro que tira o pecado do mundo".

O Calvário foi a revelação do coração de Deus. É aqui que começamos a compreender porque "Deus amou o mundo de tal maneira" (João 3:16). Quanto não deve o Calvário ter *custado* a Deus! E aqui vemos também o alto valor dado ao homem por Deus. Ele crê no homem ao ponto de investir tudo o que tinha pela sua libertação. É no Calvário que compreendemos o carácter horrível do pecado. Vemos ali o pecado em toda a sua hediondez. Mesmo provocando um calvário, o pecado não se esgotaria. Mas foi a ponte sobre o abismo que separava os homens de Deus. "Havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz" (Colossenses 1:20). "Aquele que nos ama, e no seu sangue nos lavou dos nossos pecados" (Apocalipse 1:5). "Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no santuário, pelo sangue de Jesus" (Hebreus 10:19). "Mas agora, em Cristo Jesus, vós, que antes estáveis longe, já pelo sangue de Cristo chegastes perto" (Efésios 2:13). E tudo isto sugere paz—paz que vem através da comunhão. "A nossa comunhão é com o Pai, e com seu Filho, Jesus Cristo" (I João 1:3).

A cruz não é uma forca ou cadafalso numa colina síria, mas o centro do universo, o ápice da história, o âmago de todas as coisas. É o climax das imensidades, o centro do infinito e a confluência de todas as eternidades. Diante dela parecem baixos os altos cumes cobertos de neve; ela se eleva acima das nuvens e das estrelas mais distantes. Cantemos, pois, as palavras deste hino:

Rude cruz se eregiu, dela o dia fugiu,
Como emblema de mágoa e dor;
Não me esquece essa cruz,
porque nela Jesus
Deu a vida por mim,
pecador.

(Louvor e Adoração, 101)

âncora da fé

—Albert J. Lown

As palavras compassivas de Cristo a Pedro brilham como farol de consolação no meio da noite do Getsemani: "Mas eu roguei por ti, para que a tua fé não desfaleça; e tu, quando te converteres (restabeleceres), confirma teus irmãos" (Lucas 22:32).

Nesse momento a situação era de tristeza, presságios e declarações veementes de lealdade. Jesus e Seus discípulos acabavam de ter a ceia de despedida; Judas e as autoridades judaicas, sem escrúpulos, procuravam chegar a acordo quanto ao contrato infame; e os discípulos iam fugir para salvar a vida.

Jesus prometera orar por Pedro contra o poder das trevas, e limitar o assalto de Satanás nessa experiência amarga de negar o próprio Mestre. Tornou-o num homem melhor que antes—como uma torre fortificada para auxiliar os outros. Tal garantia foi o salva-vidas para um homem prestes a naufragar entre as rochas traiçoeiras da falsa confiança em si mesmo e a prova subtil a que fora submetido.

O mais sábio ora pelo mais louco

Na vanglória impulsiva de Pedro—de que nunca abandonaria Jesus ou falharia—existe a revelação duma cegueira comum a certos crentes entusiastas: desconhecem-se a si próprios e as artimanhas de Satanás. Se a prisão, o julgamento e a morte do Mestre estavam à vista e todos haveriam de ceder, Pedro não queria ser apanhado em falta. O futuro nada lhe reservava que ele não pudesse vencer. A cegueira ingénua não o deixava ver quando nuvens de tristeza antecipavam a *natureza* da negação. As provas nas quais ele falhara miseravelmente só conseguiram êxito pela sabedoria e oração do Senhor.

A alegoria de John Bunyan sobre o ministério do Espírito Santo—"A Casa do Intérprete" na *Viagem do Peregrino*—apresenta sete quadros incluindo um a óleo, verdadeira obra-prima. Podia ser acrescentado outro representando uma pessoa espiritual e ridícula sobre uma muralha de emoções extravagantes, com a arrogância de quem afirma invulnerabilidade. Quando Pedro caiu, Jesus foi ao seu encontro para suavizar a queda e fazer o que nem todos os homens e cavalos do rei conseguiram—juntar novamente as partes duma experiência arruinada.

Conhecendo a sua fé, a fraqueza da sua vontade e a cobardia da carne, Jesus não o podia abandonar; antes, amou-o e orou para que a "rocha" superasse o "terreno arenoso". O *motivo* da prova foi identificado claramente: "Eis que Satanás pediu para vos cirandar..." Outros factores deviam ter influenciado na queda de Pedro—físicos, emocionais e sociais—todos secundários para o espírito maligno que, ao fazê-lo cair, pretendeu convencê-lo de que eram restos da vida passada.

O *tempo* da negação foi-lhe indicado: antes do galo cantar esta noite... Para Pedro parecia que o seu mundo ia ruir; mas depois da queda, a sua consciência começou um ministério de verdadeira contrição. "Ele conhece, Ele conhece...", diz um hino, uma grande realidade da graça. Pois sabemos que Jesus orou pessoalmente por Pedro: "Simão, Simão... "O plano de Satanás fora mencionado no aviso e intercessão do Salvador.

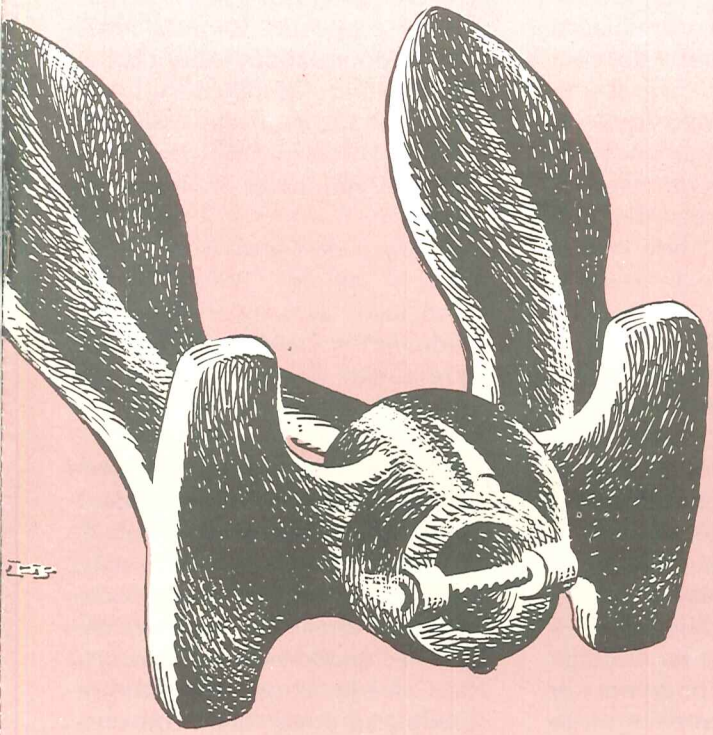
O mais forte pode tornar-se o mais fraco

"Três vezes me negarás"—no ponto da maior percepção espiritual, "conhecendo Jesus"; e ao desfrutar o maior privilégio da vida, "estar com Ele". Nas suas relações com Jesus, o homem falha de forma inacreditável. Pedro que, pela inspiração do Espírito Santo, confessara que Jesus era o Cristo e expusera a sua vida ao andar sobre as águas do lago *para ir ter com Jesus,* agora volta as costas ao Mestre. Três vezes!

Um homem que podia lutar como herói e enfrentar prisões e morte como mártir, deixou-se levar pelo mais inexplicável e absurdo—"a sua pronúncia o denunciou". "Tu também pertences a esse grupo!" A língua zombadora e as palavras duma criada fizeram-no cair. A natureza do testemunho é astuciosamente mudada e orientada pelos desígnios de Satanás, pois ele deseja que a fé e o companheirismo fracassem. No entanto, uma força superior o manteve.

O mais fraco pode tornar-se o mais forte

Para além da queda, Jesus viu arrependimento e recuperação. A prova proposta por Satanás como ruína foi utilizada como ajuda: "Quando te converteres (restabeleceres)", o que seria impossível até Jesus o ver, socorrer e dizer: "Confirma teus irmãos".



Ao escrever mais tarde sobre a experiência por que passara, o Apóstolo urgiu: "Sede sóbrios; vigiai; porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar" (I Pedro 5:8). Pedro fora amedrontado no encontro, mas não devorado. Alguém superior, "O Leão da Tribo de Judá", orara por sua recuperação e purificação.

A presciência, fidelidade, poder, majestade, coragem e sacrifício de Jesus são ênfase da Páscoa. Também a Sua intercessão a favor de Pedro teve efeitos reais.

A catedral de Coventry (Inglaterra), como algumas outras, recorda os bombardeamentos de Hitler, que não pouparam casas nem igrejas. É mais conhecida por "Catedral Fénix", por ter sido reconstruída no mesmo local, aproveitando um muro do antigo santuário que foi incorporado no novo. Existe à entrada uma escultura impressionante que representa a luta do arcanjo Miguel contra as hostes inimigas. Simboliza o conflito mundial contra o dragão nazi. A catedral, como uma fénix ressurgiu dos destroços do incêndio.

Pedro é uma fénix espiritual que se levantou do fogo da prova e das cinzas da queda. "O Senhor ressuscitou verdadeiramente", é a antífona pascal. "Pedro levantou-se verdadeiramente", é o hino da graça redentora, pois Jesus sempre intercede pela salvação daqueles por quem ora. □

O HINÁRIO FAZ HISTÓRIA

O caloroso acolhimento dado ao hinário LOUVOR E ADORAÇÃO tem sido ecoado por mensagens recebidas de destacados líderes evangélicos.

O editor, Jorge de Barros, apresentou cópias deste importante livro a dirigentes mundiais da Igreja do Nazareno:

Ao Dr. William M. Greathouse, presidente da Junta de Superintendentes Gerais.

Aos seis superintendentes gerais da Igreja do Nazareno. *Da esq. p. a direita, sentados,* Drs. Eugene L. Stowe, Orville W. Jenkins, Charles H. Strickland, William M. Greathouse, Jerald D. Johnson e V. H. Lewis. *De pé, à direita* de Jorge de Barros, o director de Publicações Internacionais, Dr. Bennett Dudney.

Com o Dr. B. Dudney, *à direita,* ao Dr. L. Guy Nees, director da Divisão de Missão Mundial.

a cruz maravilhosa

—H. K. Bedwell

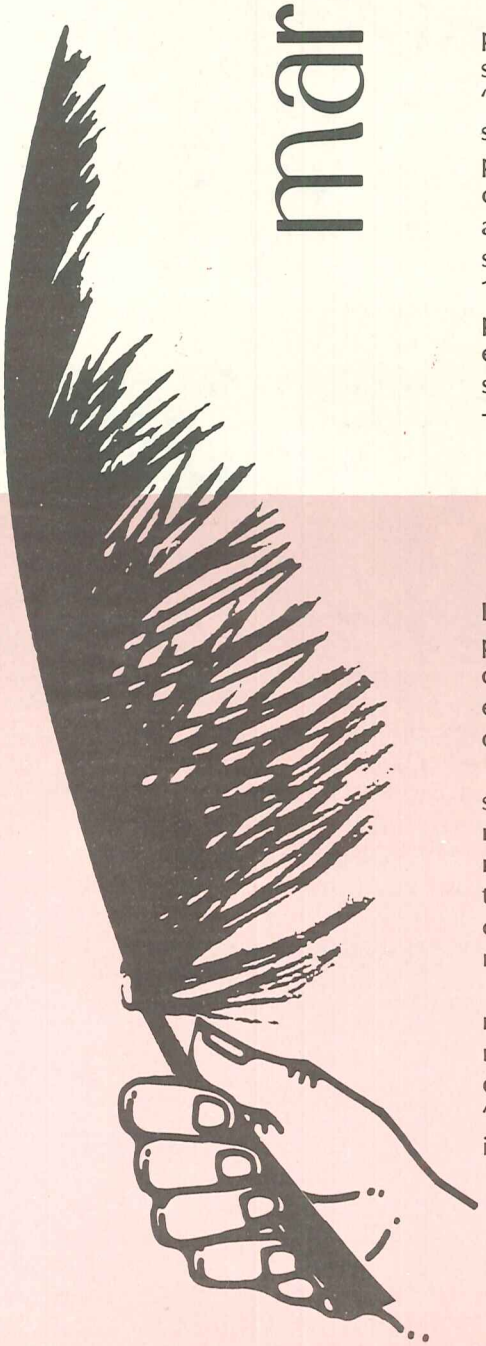
Isaac Watts escreveu acerca da "cruz maravilhosa na qual o Príncipe da Glória morreu". A cruz foi realmente maravilhosa para nós, mas cruel para o Senhor. Ela constituiu a maior ignomínia da terra e o maior triunfo do céu. Antes, inclinávamos a cabeça com vergonha relembrando que os nossos pecados pregaram Jesus na cruz. Agora, erguemos a cabeça com alegria ao recordar que nela foi alcançada vitória contra Satanás, o pecado, a morte e o inferno.

O **propósito** do Calvário é apresentado com clareza e concisão: tornar *santo* o Seu povo. "Por isso, também, Jesus, para santificar (tornar santo) o povo pelo seu próprio sangue, padeceu fora da porta. Saiamos pois, a ele, fora do arraial, levando o seu vitupério" (Hebreus 13:12-13). Ele morreu para libertar o Seu povo do pecado retirar a culpa e purificá-lo. Assim podemos ser santos no corpo, mente e espírito —completamente dedicados a Deus e dispostos a obedecer-Lhe a qualquer preço. Jesus morreu para que fôssemos vasos santificados e prontos a ser usados por Ele. Que glorioso!

Este propósito foi totalmente cumprido quando Jesus clamou no Calvário: "Está consumado" (João 19:30). Equivale este grito a uma declaração triunfante: "Missão cumprida! A vitória está ganha".

o **preço** do Calvário foi "o Seu próprio sangue". Pedro chamou "precioso" ao sangue de Jesus (I Pedro 1:19). Cada gota do sangue que Cristo derramou valia mais que toda a riqueza de mil mundos.

O **poder** do Calvário derrotou Satanás e remiu a humanidade. A morte de Jesus foi o clímax do conflito entre Deus e Satã, entre santidade e pecado, amor e ódio, vida e morte. O demónio alegrou-se quando viu Jesus na cruz do Calvário; e todo o inferno rejubilou ao ouvir: "Está consumado". Mas como todos estavam



entrada triunfal

A passagem do Evangelho de Lucas 19:28-44 consta de duas partes: a primeira trata da entrada triunfal de Jesus em Jerusalém; e a segunda, do julgamento da cidade.

Nestes dias de meditação da semana santa que celebramos nós? A entrada triunfal de Jesus no nosso coração ou o julgamento divino pela rejeição de Jesus como Filho de Deus e Salvador do mundo?

Jesus conhecia o mais íntimo da multidão que aparentemente O recebia em triunfo. No entanto, dentro de dias ela iria clamar: "Crucifica-O! Crucifica-O!" Por isso, o Mestre chorou. O termo usado neste contexto para identificar o choro de Jesus refere-se a uma forma de aliviar angústias e sofrimentos, com queixas audíveis.

Esta é a segunda vez que as Escrituras Sagradas revelam que Jesus chorou. Na primeira o Senhor remediou a situação ordenando a Lázaro que saísse vivo do sepulcro. Na entrada em Jerusalém nada havia a fazer. O povo estava a decidir o seu próprio julgamento.

As capas, ramos de palmeiras e oliveiras com que a multidão atapetou o caminho de Jesus faziam lembrar as boas-vindas dos generais que regressavam à cidade co-

enganados! A cruz selou a condenação do maligno e destinou-o ao "lago de fogo" para sempre. A Palavra de Deus diz: "Visto como os filhos participam da carne e do sangue, também ele participou das mesmas coisas, para que, pela morte, aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo" (Hebreus 2:14). Aleluia! Quando Cristo morreu, com o Seu poder derrotou Satanás, o pecado, o inferno e a morte. Desarmou principados e potestades, expô-los publicamente e deles triunfou (Colossenses 2: 15).

O poder do Calvário reside não só na derrota de Satanás e suas hostes, mas no poder redentor, santificador e todo eficaz do sangue de Jesus. Este dá reconciliação com Deus, vida ao morto em pecado, vitória ao desanimado, liberdade ao preso, coração puro ao crente e poder de testificar ao tímido. "Eles o venceram, pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho" (Apocalipse 12:11). No dizer de Andrew Murray, "Não há limite para o poder do sangue de Jesus".

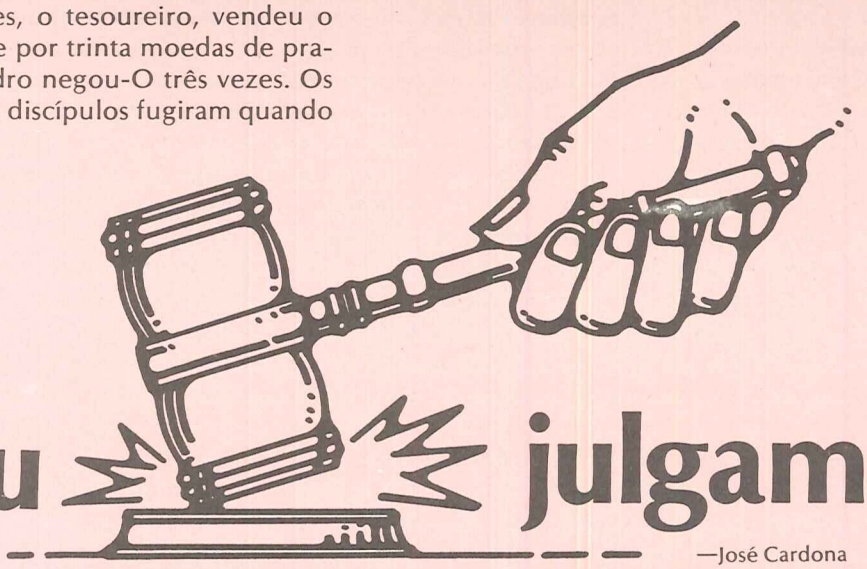
A **participação** do Calvário convida-nos a "levar o Seu vitupério". Poderemos nós, fracas criaturas da terra, compartilhar da morte de Jesus? Certamente não podemos participar na Sua obra redentora. Ela foi exclusivamente Sua, perfeita e eterna, sem nada lhe faltar. Nada poderemos acrescentar ou tirar.

Só gotas nunca poderão
Meus crimes apagar;
Aqui me tens em oblação:
É quanto posso dar.

Mas Paulo escreveu: "Para conhecê-lo e à virtude da sua ressurreição, e à comunicação das suas aflições, sendo feito conforme à sua morte" (Filipenses 3:10). "Porque, como as aflições de Cristo abundam em nós, assim, também, a nossa consolação abunda, por meio de Cristo" (II Coríntios 1:5). E ainda: "Se nós somos filhos, somos logo herdeiros, também, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo; se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados" (Romanos 8:17). Pedro declarou: "Alegrai-vos no facto de serdes participantes das aflições de Cristo, para que, também, na revelação da sua glória, vos regozijeis e alegreis" (I Pedro 4:13).

Voltemos a Hebreus 13:13 para sondar o significado da passagem bíblica: "Saiamos pois, a ele, fora do arraial, levando o seu vitupério". No mundo perverso que nos cerca, ocupemos o nosso lugar ao lado de Jesus, para estar a sós como Ele, escarnecidos como Ele foi, maltratados como Ele e, se necessário, sacrificar a vida por Ele. Então o nosso coração sangrará por um mundo perdido, como o Seu sangrou. Teremos parte com Ele, quando percorrermos o caminho do Calvário e participarmos do Seu cálice. Para além do sofrimento e da morte, esse caminho leva à glória eterna. A cruz conduz à coroa. □

ou julgamento?



bertos de louros depois duma grande vitória militar. A atitude do povo contradizia o tipo de reino espiritual que Jesus tinha vindo estabelecer.

Até os discípulos mais íntimos acabaram por fracassar. Judas Iscariotes, o tesoureiro, vendeu o Mestre por trinta moedas de prata. Pedro negou-O três vezes. Os outros discípulos fugiram quando viram Jesus preso.

Poucos dias depois sacerdotes, escribas, fariseus e o povo clamaram: "Crucifica-O!" Jesus foi rejeitado.

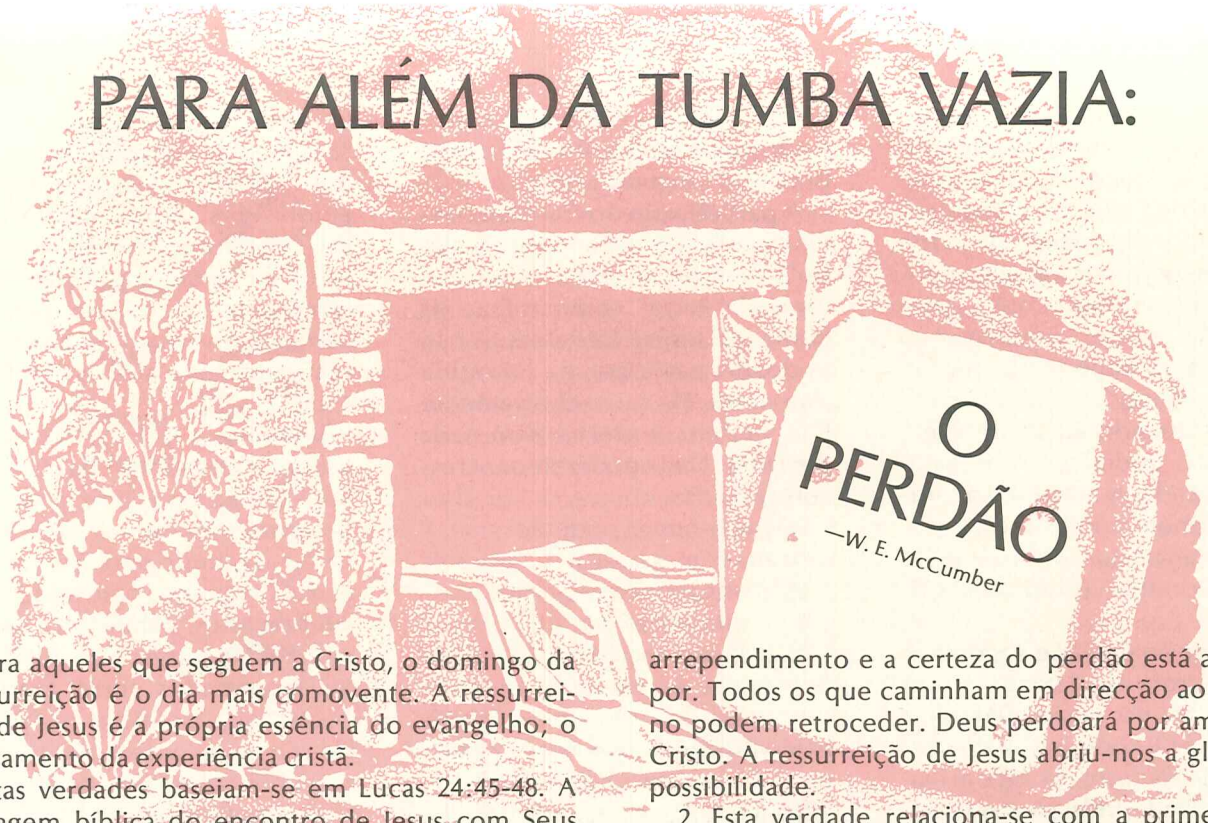
Ao comemorarmos a entrada triunfal de Jesus em Jerusalém, convidemo-lO a entrar no nosso coração para ficar.

Tenhamos cuidado em não festejar o nosso próprio julgamento. O Senhor sonda o mais íntimo de todo o ser humano. Podemos assistir à igreja, cantar hinos de louvor, comemorar com júbilo a entrada de Jesus em Jerusalém mas, se continuarmos a viver em pecado, estaremos realmente a decidir a nossa própria condenação.

Quando nos arrependemos da vida de pecado e aceitamos Jesus como Filho de Deus e Salvador, tudo se transforma dentro de nós. Então teremos paz e verdadeira alegria na alma. □

—José Cardona

PARA ALÉM DA TUMBA VAZIA:



O PERDÃO

—W. E. McCumber

Para aqueles que seguem a Cristo, o domingo da Ressurreição é o dia mais comovente. A ressurreição de Jesus é a própria essência do evangelho; o fundamento da experiência cristã.

Estas verdades baseiam-se em Lucas 24:45-48. A passagem bíblica do encontro de Jesus com Seus discípulos diz: *Então abriu-lhes o entendimento, para compreenderem as Escrituras. E disse-lhes: Assim está escrito, e assim convinha que o Cristo padecesse, e ao terceiro dia ressuscitasse dos mortos, e em seu nome se pregasse o arrependimento e remissão dos pecados, em todas as nações, começando por Jerusalém. E destas coisas sois vós testemunhas.*

O arrependimento é um acto humano, voltar do pecado a Deus. O perdão é uma acção divina, absolver todos os nossos pecados. Completam-se mutuamente, mas ambos dependem da salvação de Deus alicerçada na morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Desta passagem do Evangelho de Lucas surgem três verdades com valor permanente.

1. *A ressurreição de Cristo assegura a possibilidade de arrependimento e perdão.*

A base do arrependimento e perdão encontra-se nestas palavras: "Convinha que o Cristo padecesse, e ao terceiro dia ressuscitasse dos mortos". Cristo sofreu para expiar os nossos pecados. De acordo com o apóstolo Paulo num grande pronunciamento sobre a ressurreição, o primeiro elemento do evangelho é que Cristo morreu por nossos pecados. Jesus disse: "Assim está escrito". Em Isaías 53:6 lemos: "O Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos". E também: "Pela transgressão do meu povo foi ele atingido" (53:8). A morte de Cristo consumou a expiação do pecado. É erróneo ver outro significado na cruz.

Jesus morreu pelos nossos pecados e ressuscitou para demonstrar a realidade, a validade e o poder de tal sacrifício. Pela ressurreição, Deus mostrou que o sacrifício foi aceite e que o poder que gera o arrependimento e a certeza do perdão está ao dispor. Todos os que caminham em direcção ao inferno podem retroceder. Deus perdoará por amor de Cristo. A ressurreição de Jesus abriu-nos a gloriosa possibilidade.

2. Esta verdade relaciona-se com a primeira: *a possibilidade do arrependimento e do perdão é a mensagem da igreja.*

O arrependimento e o perdão devem ser anunciados em nome do Senhor. A igreja funciona como "testemunha" destas verdades redentoras, proclamando-as depois de as experimentar. A mensagem da igreja é uma dádiva; por isso, não deve ser alterada nem mudada. Fazê-lo seria profanar o evangelho e rejeitar o senhorio de Cristo.

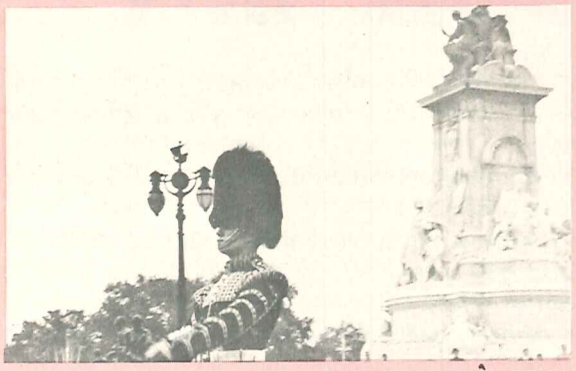
No dia em que eu escrevia este artigo, um jornal publicou a notícia duma "igreja" que no culto de domingo de manhã comemorara algumas pessoas célebres falecidas em 1980. O santuário encheu-se de música profana e uma mulher imitou determinada artista de cinema. Definir este acto como culto de adoração é insultar Cristo. A adoração cristã celebra Aquele que morreu, ressuscitou e possibilitou a nossa libertação do pecado. Qualquer outra mensagem é falsa, uma blasfémia contra Cristo e uma farsa contra a humanidade.

3. *Todos aqueles que escutam esta mensagem podem arrepender-se e obter perdão.*

São palavras animadoras: "Em seu nome se pregasse o arrependimento e remissão dos pecados, em todas as nações". Cristo nasceu como judeu, mas morreu por toda a humanidade. A Sua ressurreição abre a porta duma nova vida a todos e em toda a parte. O mundo beneficiou da Sua morte na cruz. A salvação é uma possibilidade global.

Que as boas novas penetrem mais no nosso lar. Você pode arrepender-se, ser perdoado e reconciliado com Deus. Jesus Cristo morreu por cada um de nós. Oferece o poder do Seu sangue redentor para a remissão de pecados. O convite está feito. A você compete dar o segundo passo. □

ILHAS BRITÂNICAS E TERRA SANTA



ILHAS BRITÂNICAS

Em 1915 a Igreja Pentecostal da Escócia uniu-se à Igreja do Nazareno. Foi fruto de muita oração e de negociações por parte do Dr. George Sharpe. Anos antes, o superintendente de distrito, Dr. George Frame, teve a visão de fortalecer mais o testemunho de santidade nas Ilhas Britânicas pela união de outros movimentos de santidade. Depois de várias consultas entre os dirigentes da Igreja do Nazareno e a Missão Internacional de Santidade, em 1952 concretizou-se a união. Esta trouxe 28 igrejas com mais de mil membros e 36 missionários que trabalhavam na Africa do Sul. A Igreja do Calvário de Santidade uniu-se ao grupo em 1955. Trouxe 22 congregações, 600 membros e alguns missionários.

Em 1953, o distrito das Ilhas Britânicas foi dividido em dois, com o Dr. George Frame como superintendente do Distrito Norte e o Rev. James B. Maclagan, do Distrito Sul. Os seus sucessores, Revs. Tarrant e Schofield, também são homens de grande visão e com o alvo de alcançar outras áreas que carecem do testemunho de santidade.

O Rev. David Tarrant, superintendente do Distrito Norte, disse: "Estivemos estacionados durante muito tempo! Agora parece que o Espírito começou a actuar. Uma onda de reavivamento atingiu várias das nossas igrejas. O ano de 1979 foi o de maior crescimento em mais de 20 anos. Com a ajuda de Deus prosseguiremos com maior coragem. Devemos crescer em compaixão, em interesse pelos perdidos e, também, em número. Contamos que em 1985 os nossos membros cheguem a 2.200. Teremos, então, pelo menos, mais cinco novas igrejas. Duas ou três na Irlanda do Norte, onde ainda há consciencialização evangélica. Outra, na maior cidade do nosso distrito sem testemunho nazareno. Também a Escócia deve sentir o impacto do crescimento. Orai por nós".

As "esperanças e aspirações" do superintendente do Distrito Sul, Rev. T. W. Schofield, são idênticas: "O Distrito Sul das Ilhas Britânicas está a iniciar um plano de extensão para alargar nos próximos anos o seu ministério e a esfera da sua mensagem. Com base numa pirâmide geográfica aceitou o desafio de abrir novas igrejas em Manchester, Wales Sul e Anglia Oriental. Além disso, as áreas de expansão incluem Yorkshire Norte e Wales Norte.

"Uma população de emigrantes superior a dois milhões, a aumentar diariamente, apresenta um campo missionário dentro do nosso distrito. Conseguiu-se um acordo básico entre a Junta Consultiva do Distrito e os Serviços de Extensão da Igreja, com a aprovação da Junta de Superintendentes Gerais, para se estabelecer uma obra entre outros grupos étnicos, particularmente índios ocidentais.

"A chegada pendente de dois pastores índios ajudar-nos-á a consolidar o alvo para várias igrejas nos próximos dois ou três anos!"

A Faculdade Nazarena das Ilhas Britânicas, fundada em 1944 pelo Dr. George Frame, está equipada para o desafio do nosso tempo. Prepara jovens para o ministério e também obreiros leigos. A matrícula aumenta anualmente. Uma ligação com a Faculdade Nazarena do Canadá capacitou os estudantes a partir de 1975 a obterem diplomas em teologia.

O director, Dr. Hugh Rae, disse: "Devemos dar aos estudantes os melhores instrumentos possíveis para com eles enfrentarem o futuro. Ao longo dos anos a faculdade tem aceite o desafio dum currículo progressivo e baseado na sabedoria de se ser cheio do Espírito. A ênfase da vida disciplinada no Espírito deve adicionar nova dimensão às actividades académicas".

A Inglaterra mantém uma forte tradição de enviar missionários para o ultramar. Tem-se evidenciado isso nas igrejas de santidade, pelo número de membros que servem nos campos missionários.

Os nazarenos das Ilhas Britânicas têm muito a oferecer ao mundo em serviço dedicado. Trata-se dum país "antigo", cuja história e tradição os visitantes apreciam. Mas a mensagem da salvação total é "antiga e sempre nova".

Orai pelas Ilhas Britânicas para que haja um avivamento de cristianismo vital com uma fresca efusão do Espírito Santo. Que o país "antigo" seja verdadeiramente grande, porque

centrado em Deus. O Senhor estabeleceu a Igreja do Nazareno nas Ilhas Britânicas "para um tempo como este".

TERRA SANTA

A Igreja do Nazareno começou na Terra Santa em 1922, quando o Rev. Samuel Krikorian, nazareno arménio, foi enviado como missionário para trabalhar na Palestina entre os refugiados da Arménia.

Os missionários Alvin Kauffmans juntaram-se aos Krikorian e estabeleceram uma igreja. Mais tarde adquiriram uma propriedade para o templo, fora da antiga cidade de Jerusalém.

Em 1948, quando Israel se tornou país independente, a maioria da população não judia refugiou-se nos países árabes vizinhos. Os nazarenos arménios também saíram. O Rev. Krikorian seguiu-os e estabeceu várias congregações na Jordânia e no Líbano.

Apenas cinco nazarenos arménios tinham ficado na Terra Santa, quando em 1952 o casal missionário Alex Wachtel chegou para tentar reabrir a igreja. A migração contínua dos arménios da Terra Santa para outros países tem dificultado o crescimento.

No entanto, nos últimos anos, o Rev. Earl Morgan e o Rev. Merlin Hunter conseguiram abrir 7 escolas dominicais e promoveram estudos bíblicos entre a população não judaica. Os resultados têm sido apreciáveis. □

SALVOS DA IRA

Certo incrédulo conversava com um índio convertido e procurava provar-lhe que a fé de nada servia.

—Além disso—acrescentou o incrédulo—que fez Jesus por você?

—Jesus me salvou!—respondeu o índio.

—Que quer isto dizer?

—Vamos lá fora e lhe mostrarei.

Saíram da cabana. O índio ajuntou um feixe de folhas secas e dispô-las em círculo. Em seguida procurou uma lagarta e colocou-a no centro do círculo. Calmamente, pôs fogo às folhas em círculo, sob o olhar assombrado do seu companheiro.

Quando a lagarta sentiu o calor do fogo, começou a contorcer-se e a mostrar sinais de angústia, não sabendo como fugir do círculo. Nesse momento, sem se preocupar com o fogo e o fumo das folhas queimadas, o índio estendeu a mão, apanhou a lagarta de situação perigosa e, com delicadeza, colocou-a fora do perigo, sã e salva, na relva fresquinha.

—Foi isto que Jesus fez por mim, —acrescentou o índio. —Estava destinado às chamas eternas da perdição, sem possibilidades de escapar; estava condenado a perecer. Jesus me salvou morrendo em meu lugar e por causa dos meus pecados; Ele me recolheu, como a um tição da fogueira, e me deu lugar junto ao Seu coração.

"Como escaparemos, se desprezarmos tão grande salvação?" (Hebreus 2:3).

"Sendo nós ainda pecadores, Cristo morreu por nós... seremos por Ele salvos da ira" (Romanos 5: 8-9).

"... Vós fostes como um tição arrebatados da fogueira... Portanto, prepara-te para te encontrares com o teu Deus" (Amós 4:11, 12). □

PERGUNTAS & RESPOSTAS

✔ Quando Jesus ressuscitou o Seu sepulcro era numa rocha escavada, cuja abertura fora tapada com uma pedra. O anjo afastou a pedra para o Mestre poder sair. Supomos que os homens a conseguiriam afastar se quisessem. Mas nós colocamos os mortos em caixões fechados, encerramo-los por vezes dentro de urnas metálicas e sepultamo-los a certa profundidade. Ninguém consegue vencer essas barreiras. Como poderão assim os mortos sair? Isto pode parecer-lhe infantil, mas algumas pessoas discutem o assunto. Explique, por favor.

O morto ressuscitará pelo poder de Deus e nada o poderá impedir. O facto é que os homens já têm aberto túmulos e desenterrado corpos. Deus não terá dificuldade em abrir sepulcros e ressuscitar corpos—ou restos mortais. Você criou um problema supondo que alguém tem de facilitar a saída do morto, mas a dificuldade desaparece quando esse Alguém é Deus (I Coríntios 15: 35-57; João 5:28-29).

O anjo não rolou a pedra para que Jesus saísse do túmulo, mas para mostrar aos Seus seguidores que Ele não se achava lá. Não foi para *Ele* sair, mas para *eles* entrarem (Mateus 28:2-6; João 20:1-8).

✔ Depois de 65 anos na nossa igreja, você poderá pensar que todas as minhas perguntas já foram respondidas. Mas ainda tenho esta. Fui visitar um amigo ao hospital. No quarto encontrei quatro pessoas dispostas a ungi-lo com óleo e a orar por ele. Nenhuma delas é ministro. Pediram-me para participar, mas eu recusei porque, como nazareno, um leigo não unge com óleo qualquer doente. Isso pertence aos ministros. Um leigo pode pregar uma mensagem na falta do pastor (eu faço-o há 40 anos). Também pode visitar enfermos nos hospitais e orar por eles (faço-o há 40 anos), mas nunca ungir com óleo. Reconheço que fiz mal ao recusar participação. Magoei um amigo íntimo. Podia dizer-me, por favor, que pecado teria cometido se participasse na unção?

Creio que nenhum pecado. No Novo Testamento, os "anciãos" eram homens de fé sólida e de sabedoria apontados pelos apóstolos para superintender a vida e a obra das congregações locais. Às vezes havia vários numa igreja. Embora tivessem um ministério parecido ao dos nossos pastores, a divisão entre clérigo e leigo não era tão acentuada como hoje.

Nas circunstâncias que você descreve parece-me absolutamente "normal" leigos com maturidade ungir doentes e orar por eles. Quando pastor, usei por vezes a ajuda de leigos experientes nos cultos de cura. Repare que ungir com óleo, como aconselhou o apóstolo Tiago, não era um sacramento e seria mais medicinal que simbólico.

✔ Estão os cristãos do Novo Testamento obrigados a observar as regras sabáticas do Antigo?

Não. Eles são obrigados a viver em obediência aos ensinos de Jesus Cristo, os quais incluem adoração divina e culto humano no dia em que o povo de Deus se reune para orar, dar graças e ouvir a pregação da Palavra de Deus.

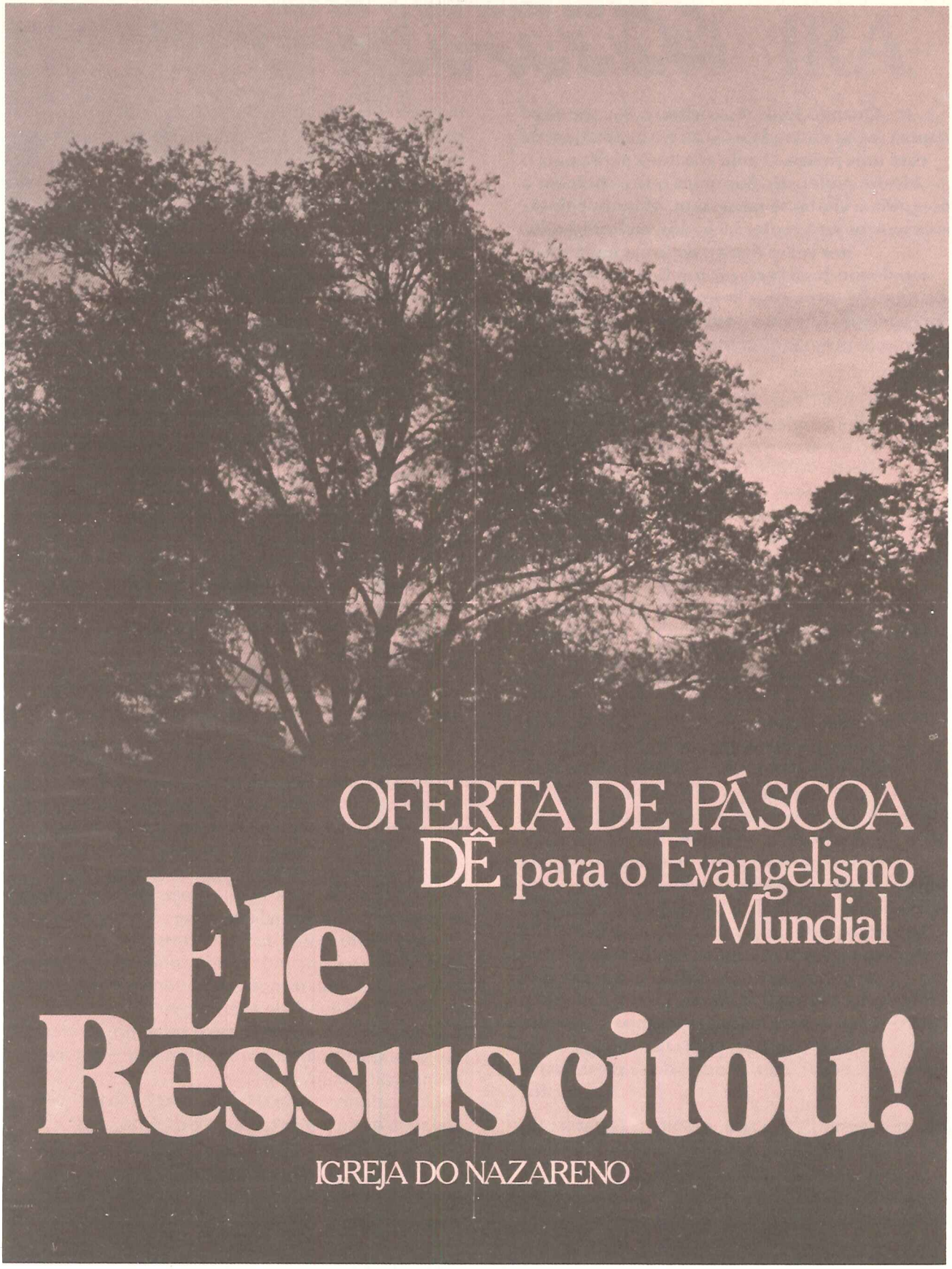
✔ Podia dar-me um esclarecimento acerca de Hebreus 4:12? Dirá esta passagem que a alma humana não é idêntica ao espírito? Não serão uma e a mesma coisa?

As Escrituras não fazem as mesmas distinções que a psicologia moderna. Umas vezes a pessoa total é apresentada como "espírito e alma e corpo" (I Tessalonicenses 5:23); outras, como "alma e corpo" (Mateus 10:28). Por isso, muitos exegetas consideram a distinção entre alma e espírito como funcional, não constitucional. Pelos termos "alma" e "espírito", toda a vida é vista em duas perspectivas. "Alma" é a vida interior "mais baixa"; e "espírito", a "mais elevada", onde se contacta o espiritual e racional.

Alguns estudiosos da Bíblia consideram a alma como o princípio da vida *animal* que o homem compartilha com os outros irracionais, como emoção, sensibilidade e compreensão. O espírito é considerado como o princípio da vida racional do homem—vontade e razão— que ele compartilha com Deus.

De qualquer modo, Hebreus 4:12 não dá ênfase à distinção entre alma e espírito, mas salienta o poder da Palavra de Deus em penetrar a vida interior. Assim, o homem não pode ter segredos que escapem ao conhecimento de Deus. □

SECOND-CLASS POSTAGE PAID AT KANSAS CITY, MISSOURI — MARCH 15, 1983



OFERTA DE PÁSCOA
DÊ para o Evangelismo Mundial

Ele Ressuscitou!

IGREJA DO NAZARENO